

A SÉRIE GLEE E O CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

THE SERIES GLEE AND SEX EDUCATION CURRICULUM^a

Nilson Fernandes Dinis*

RESUMO

Para superar o moralismo e as categorias de normalização da educação sexual tradicional, uma educação sexual ainda não tolerada deveria trazer algumas perguntas impertinentes como: Pode o sexo ser educado e pode a educação ser sexualizada? Este artigo busca discutir as diferentes versões de educação sexual presentes no episódio “Sexy”, da série americana televisiva Glee. A série tem sido um dos exemplos da tendência em promover discursos sobre o tema da diversidade sexual e de gênero nos programas televisivos. Se por um lado, a educação crítica, proposta no episódio, não consegue escapar de conceitos normatizantes, por outro lado, há também uma educação não tolerada que escapa, que se infiltra, que desafia os limites normatizantes do espaço-tempo da escola retratada no episódio

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Gênero.

ABSTRACT

To overcome the moralism and the categories of normatization from traditional sex education, a way of sex education that is not tolerated should bring some impertinent questions like: can sex be educated and education can be sexualized? This article discusses the different versions of sex education presented in the episode "Sexy" of the American television series Glee. The series has been one of the examples of the tendency to promote discourses on sexual diversity and gender in television programs. On one hand, critical education proposed in the episode cannot escape from normative concepts, on the other hand, there is also an education not tolerated escaping, infiltrating, challenging the normative boundaries of space-time in the school portrayed in the episode.

Keywords: Sex education. Sexuality. Gender.

A partir das contribuições da psicanálise, dos estudos sobre a sexualidade elaborados pelo filósofo francês Michel Foucault e dos conceitos da teoria queer, a pesquisadora canadense Deborah Britzman discute em seu artigo “Curiosidade, sexualidade e currículo” (2000) três versões de educação sexual: a versão normal, a versão crítica e a versão que ainda não é tolerada. Para a autora, as duas primeiras

^a Este artigo apresenta resultado parcial de pesquisa que recebeu apoio da CAPES e do CNPQ.

* Professor associado da Universidade Federal de São Carlos. ndinis@ufscar.br

versões (normal e crítica) são difíceis de serem distinguidas “porque mesmo a versão crítica não consegue ultrapassar o moralismo e as categorias eugenistas de normalização. Nós podemos encontrar a paixão pela ignorância nas duas versões” (BRITZMAN, 2000, p. 92-93).

Nesta perspectiva, uma educação sexual ainda não tolerada pelas instituições escolares deveria trazer algumas perguntas impertinentes:

Ao pensar sobre o que pode constituir um par tão estranho, isto é, sexo e educação, nós podemos também levantar questões difíceis, como as seguintes: Pode o sexo ser educado e pode a educação ser sexuada? Como seria a educação sexual se ela se tornasse indistinguível daquilo que Foucault (1988), em uma de suas últimas obras, chamou de “o cuidado de si” como prática de liberdade? (BRITZMAN, 2000, p. 93).

O conceito de sexualidade perverso polimorfa, proposto por Freud, recebe uma nova leitura na proposta de Britzman, se tornando uma espécie de linha de fuga às redes do dispositivo de sexualidade, tão bem analisado por Foucault (2003), que constituem as formas contemporâneas de controle e normatização sobre nosso uso dos prazeres. A sexualidade perverso polimorfa, anterior à genitalização e à fixação do prazer em um único objeto, é um convite à reinvenção de nossa relação com nosso corpo e com os prazeres na experimentação de formas sempre novas. Dessa forma, uma educação ainda não tolerada traz novos desafios às pedagogias da sexualidade:

Os esforços pedagógicos poderiam, então, deixar de utilizar o saber para controlar identidades específicas e ser mais incansáveis – ou melhor, mais polimorfos em sua perversidade – naquilo que pode ser imaginado quando o sexo é imaginado e naquilo que pode ser aceito quando a erótica da pedagogia e do conhecimento é aceita. Pois, se nós quisermos levar a sério as teorias sociais sobre a historicidade e o caráter problemáticos das construções – vistas como relações de poder – a pedagogia poderia, então, começar com o pressuposto de que as identidades são feitas e não recebidas e o trabalho do currículo consistiria em incitar identificações e críticas, e não em fechá-las. Além disso, uma educação sexual socialmente relevante pode apenas oferecer mais questões (BRITZMAN, 2000, p. 106).

A série americana televisiva *Glee* tem sido um dos exemplos da tendência em promover discursos sobre o tema da diversidade sexual e de gênero nos programas televisivos. Sua abordagem do tema da diversidade sexual e de gênero fez com que a série recebesse no ano de 2011 o prêmio *GLAAD Media Award* de melhor programa do ano, promovido pela organização não governamental americana GLAAD (The Gay and Lesbian Alliance against diffamation). O prêmio foi dado em reconhecimento ao fato da série ter personagens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) e abordar

positivamente temas que contribuíram para o avanço dos direitos da comunidade LGBT nos Estados Unidos. Ryan Murphy é o diretor da série *Glee*, que foi criada em 2009, em parceria com os roteiristas Brad Falchuk e Ian Brennan, alcançando grande índice de audiência nos Estados Unidos e no Canadá. No Brasil a série é transmitida pelo canal privado FOX e pela televisão aberta do canal GLOBO.

O diretor Ryan Murphy se identifica publicamente como gay e já explorou temas como sexualidade e gênero em trabalhos anteriores, a exemplo da série *Nip/Tuck*. Esses temas retornam na série musical *Glee* que tem como fio condutor as tentativas da personagem do professor Will Schuester em promover o coral de uma escola em Ohio, composta por estudantes considerados como desajustados e marginalizados. A temática da diversidade cultural, étnico-racial e sexual e de gênero aparece na composição de várias personagens da série. Mas o tema da diversidade sexual e de gênero aparece também principalmente na forma como são abordados os temas nos diferentes episódios da série e também na escolha das(dos) artistas que são homenageadas(os), a exemplo dos episódios especiais dedicados a Madonna, Brittany Spears e Lady GaGa – artistas pop contemporâneas que têm polemizado novos conceitos sobre gênero e sexualidade.

Neste artigo, iremos analisar o episódio “Sexy” que aparece na segunda temporada da série. O episódio nos ajudará a pensar as diferentes versões de educação sexual analisadas no artigo de Britzman que ecoam na série. A educação crítica, proposta no episódio, ao criticar a educação tradicional, às vezes inova e por outras vezes regride e não consegue escapar de conceitos normatizantes, o que parece confirmar a hipótese de Britzman (2000) de uma quase indistinção entre a educação sexual crítica e a educação sexual normal.

Na série, mesmo a professora moderninha, Holly Holliday, propõe como principal razão para um programa de educação sexual o combate à AIDS, às doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada que, embora sejam tópicos relevantes para uma educação sexual, ao mesmo tempo nos fazem questionar a presença de uma certa visão higienista no programa. Se no episódio anterior da série, “A culpa é do álcool”, se debatia os perigos da associação álcool e adolescência, em “Sexy”, às vezes, parece se insinuar também o medo adulto dos perigos da associação entre adolescência e sexualidade.

Cotidianamente, os discursos da mídia e os discursos da educação nos trazem novos dados alarmistas sobre o aumento do índice de “gravidez precoce” ou de “gravidez indesejada” entre as adolescentes, tentando justificar a necessidade de

programas de educação sexual. Um desses índices alarmantes e moralizantes é questionado por Dimenstein (2002, p. 62), ao apontar uma pesquisa divulgada pela Casa Branca, nos Estados Unidos, concluindo que “a gravidez de adolescentes custa anualmente US\$ 1 bilhão aos norte-americanos apenas para construir novas prisões”. O discurso apontava para uma maior tendência de criminosos saírem da barriga de jovens mães solteiras, culpando a desestruturação familiar como uma de suas causas. Além dos custos com a construção de novos presídios, contabilizam-se entres os prejuízos as despesas com o benefício social fornecido pelo governo às grávidas e a perda na produtividade da economia, pois a adolescente no período de gravidez estaria fora do mercado de trabalho.

É assim que muitos dos discursos construídos pela mídia ajudam a formar também os discursos da escola e da família sobre a sexualidade e a adolescência. Nessa perspectiva, Henry Giroux (1996) apresenta uma interessante análise sobre o filme *Kids*, dirigido por Larry Clark, que, no final da década de 1990, aterrorizou muitos/as educadores/as e famílias ao apresentar uma imagem da juventude como sendo despida de capacidade crítica, exercendo uma sexualidade e uma agressividade fora de controle, produzindo o que o autor chama de “uma política de demonização da juventude”, justificando intervenções educativas e normativas por parte dos adultos. No imaginário brasileiro, essa mesma exploração do tema da “juventude perigosa” está presente no filme *Cama de Gato*, dirigido por Alexandre Stockler. Tais discursos, ao produzirem pânico social, são utilizados para justificar toda uma série de intervenções político-jurídico-educativas sobre o corpo adolescente.

Por outro lado, apesar desses aspectos normativos, durante todo o episódio “Sexy”, em *Glee*, há também uma educação não tolerada que escapa, que se infiltra, que desafia os limites normatizantes do espaço-tempo da escola, mas que é interrompida no final, metaforicamente, com a demissão da professora substituta Holly Holliday, interpretada no episódio pela atriz Guyneth Paltrow, após o colégio receber reclamação de pais descontentes com o programa de educação sexual proposto pela professora. Na explicação irônica e sedutora de Holly para Will: “Houve reclamação de alguns pais. Parece que a minha demonstração com o pepino tornou impossível assistir o desenho ‘O conto das verduras’ do mesmo modo. Pessoalmente, acho que tornou o desenho hilário!” (GLEE, 2011).

O episódio inicia com uma reunião do Clube do Celibato, presidida por Emma, uma orientadora educacional casada com o dentista sedutor Carl, interpretado pelo galã

hollywoodiano Josh Stamos, mas que ainda tem dificuldades em ter sua primeira relação sexual com o esposo. A ironia presente nesta relação é proposital, assim como no momento ingênuo em que Emma e as meninas do clube cantam *Afternoon Delight* (uma canção sensual do grupo *Starland Vocal Band*, lançada em 1976), sem atentar para o fato de que a música fala de escapadinhas sexuais no meio da tarde. Essa ironia traz uma crítica ao modelo de educação sexual baseado na opção pelo celibato e na proibição do sexo antes do casamento, modelo defendido por grupos conservadores nos Estados Unidos, e que recebeu apoio do Estado, principalmente durante os anos do governo de George Bush Jr.. A série já havia explorado o tema na primeira temporada, ao fazer a adolescente Quinn, que era presidente do Clube do Celibato e líder de torcida, engravidar ao trair o namorado que respeitava seus limites. De certa forma, parece haver também na série uma crítica à forma como o tema da sexualidade foi explorado no debate entre republicanos e conservadores na eleição presidencial de 2009 nos Estados Unidos, na qual a vice-candidata republicana conservadora Sarah Palin, defensora da educação para o celibato, se viu na condição da mãe de uma adolescente grávida e solteira, fazendo esforços para esconder o fato da imprensa americana.

Will Schuester, ao perceber a falta de conhecimento de seus/suas alunos/as acerca de sexualidade - a exemplo de Finn que pensou ter engravidado Quinn após carícias preliminares em uma banheira, ou Brittany, que pensou estar grávida por ver uma cegonha construindo um ninho no lado de fora de sua janela – convida a professora substituta Holly Holliday para ajudá-lo a falar sobre o tema. Will comunica seus alunos que o tema da semana será sobre sexualidade e apresenta Holly que entra em cena cantando e dançando de forma sedutora a música “Do you wanna touch me”, de Gary Glitter. A escolha da canção trouxe polêmica para a série, visto que Gary Glitter foi acusado no passado de pedofilia, na Inglaterra. O fato da música soar inapropriada, assim como o movimento sensual do grupo de adolescentes que se junta à dança sensual da professora na série, em uma aula séria que deveria ser de educação sexual, insinua uma outra educação sexual que transborda as fronteiras do setting escolar trazendo temas não convidados e que parece assustar um pouco Will como educador. Como aponta Britzman:

There is something fundamentally scary about pedagogy because pedagogy references the unknown. Despite our best authorial intentions, no guarantees mediate our private lesson plans or the public effects of the pedagogical encounter. More often than not, things do not go according to plan [...] In short, pedagogy is filled

with surprises, involuntary returns, and unanticipated twists (BRITZMAN, 1992, p. 151).

Isso talvez explique o medo de educadoras/es em falar sobre sexualidade. O tema pode sempre levar à irrupção do não previsto, principalmente quando a educação sexual deixa de ser apenas um conjunto de informações sobre reprodução e doenças sexualmente transmissíveis e passa a falar também sobre afetividades, ou sobre outras formas de sexualidade que fujam dos padrões heteronormativos.

Se Emma era a orientadora educacional virgem que defendia a política do celibato, Holly é a professora substituta sensual que tenta combater a educação do celibato com uma educação sexual mais crítica. Nas palavras de Holly: “Sexo é como abraçar, mas muito mais molhado [...] Pois hoje vamos nos enfiar embaixo das cobertas, todos juntos, e falar sobre tudo [...] Regra número um, todo encontro íntimo que vocês tiverem na vida vai começar com um toque” (GLEE, 2011). A proposta educacional de Holly, sua dança sensual com as/os estudantes, seu jeito voluptuoso, parecem despertar certa apreensão nos/as expectadores/as por trazer para a sala de aula a irrupção da afetividade e do erotismo. Como bem analisa a pesquisadora bel hooks (que intencionalmente não põe as letras de seu nome em caixa alta como forma de destacar o conteúdo de seus textos ao invés do nome da autora), mesmo como o avanço da crítica feminista, as escolas e as universidades são ainda um espaço de negação do corpo, das paixões e das possibilidades de erotismo entre professores/as e alunas/os:

Entrando na sala de aula determinadas a anular o corpo e a nos entregar por inteiro à mente, nós demonstramos através de nossos seres o quão profundamente aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar em sala de aula. A repressão e a negação permitem-nos esquecer e, então, tentar, desesperadamente, recuperar a nós mesmas, nossos sentimentos, nossas paixões em algum lugar privado – depois da aula (HOOKS, 2000, p. 115).

Essa confusão com o mundo dos afetos é vivida pela própria Holly, que embora saiba lidar como o sexo, se vê em conflito quando suas relações envolvem afeto. Mas ao encorajar a adolescente Santana, uma defensora do sexo sem afeto, a declarar seu amor pela adolescente Brittany, através da canção *Landslide* (de Stevie Nicks, lançada em 1975), Holly se dá conta também de seus próprios conflitos com a afetividade:

Ensinar a Santana e a Brittany a cantar Stevie Nicks me fez perceber o quanto eu me fechei. Também estou ficando velha, acho que deveria tentar uma relação que dure mais de trinta e seis horas [...] Entendo muito de sexo, Will, mas talvez seja hora de eu aprender um pouco sobre romance (GLEE, 2011).

Assim, mais uma vez a sexualidade traz algo de disruptivo para a própria educadora, algo que não é controlado por uma educação apenas informativa sobre sexo. Mas na cena em que Holly reconhece tal fato para Will, há também uma interessante inversão e desconstrução dos estereótipos tradicionais de gênero presentes nas histórias televisivas de romance. Nessas histórias é quase sempre a mocinha romântica virgem quem finalmente captura a atenção do galã, após este ter experimentado toda uma vida sexual repleta de conquistas. Em *Glee*, a inversão desses estereótipos coloca Holly como a voraz conhecedora do sexo após sua larga experiência com homens e mulheres, já Will é o tímido conhecedor de romance que se casara com sua primeira namorada do colégio. Quando Holly lamenta não conhecer muito sobre romance, é, no entanto, Will quem conduz o jogo amoroso, beijando Holly na cena final: “Não sei se você sabe, mas acontece que sou um ótimo instrutor” (GLEE, 2011). Portanto, os caminhos da aprendizagem da paixão romântica são conduzidos aqui pelo mundo masculino, ao invés do feminino, inventando trajetórias inusitadas mesmo para o amor heterossexual, assim como o inusitado *mash-up* entre a música *Kiss*, do cantor Prince, e a coreografia de tango, na performance da dança erotizada demonstrada por Will e Holly.

Em vários episódios da série também é explorada a estratégia de colocar em paralelo as confusões afetivo-sexuais dos/as adolescentes e as do mundo adulto. A estratégia parece funcionar como uma certa desconstrução dos mitos da maturidade afetivo-sexual trazida pela vida adulta, bem como os discursos da pessoa certa e da hora certa para o exercício da sexualidade quase sempre presentes no trabalho de educadores/as adultos quando ousam trazer o tema da educação sexual para o setting escolar. Na série *Glee* os adultos parecem tão confusos, inseguros e vulneráveis quanto os/as adolescentes quando o assunto é afetividade e sexualidade, mostrando que este é um território do singular, do disruptivo, de uma relação permanente com as diferenças presentes no encontro com o outro, no qual as receitas pré-fabricadas do discurso tradicional (com a educação do celibato) e o do discurso crítico (da maturidade adulta, da pessoa e do momento certo) parecem sempre falhar.

Se os mecanismos repressivos sobre a sexualidade são os mais evidentes, não podemos também esquecer, a partir dos estudos de Michel Foucault (2003), daqueles discursos pretensamente liberadores da sexualidade que são atravessados por mecanismos sutis e sofisticados de normatização e controle sobre a mesma. A pesquisadora Rosa Fischer (1996, p. 170) analisa, por exemplo, como o "discurso da sexualidade adolescente agora incorpora expressões novas — ‘momento certo’, ‘pessoa

certa'—, termos sem definição precisa, que falam de um retorno a valores carregados de conservadorismo, como a virgindade e o romantismo das relações". Mesmo comprometido com uma educação mais crítica, esse "momento certo" para o exercício da sexualidade, presente no discurso da família e da escola, parece sempre ser prorrogado até os limites de um "quanto mais tarde melhor", produzindo novas formas de controle sobre a sexualidade adolescente. Até Burt, o pai mais cool do adolescente gay da série, quando finalmente fala de sexo com seu filho não deixa de dizer em um tom meio irônico e meio de verdade: "Acho que quando você completar trinta anos será um ótimo presente a si mesmo" (GLEE, 2011).

A expressão do amor homoerótico entre as adolescentes Santana e Brittany também transita no episódio entre um desejo de finalmente nomear os afetos entre as duas e, ao mesmo tempo, produzindo linhas de fuga que buscam o questionamento da necessidade de rótulos. Em "Sexy" é a primeira vez na série que tal relação é nomeada. No quarto episódio da segunda temporada, "Duetos", Santana e Brittany já apareciam em uma cama trocando carícias. Mas Santana justificava o homoerotismo como tentativa de suprir sua carência sexual devido à ausência temporária de Puck, que é o estereótipo na série do adolescente rebelde e conquistador do colégio, embora Santana também afirmasse evitar se envolver sentimentalmente com os garotos e evitar a fala e o contato visual durante sexo, justamente como formas de separar sexo e afeto. Nesse sentido, a própria construção da personagem ajudava na desconstrução de alguns dos estereótipos de gênero que associam o masculino à promiscuidade sexual e o feminino, em contraste, à incapacidade de separar sexo de afeto. Com sua língua viperina, sua propensão à agressão física quando interpelada e sua capacidade de separar sexo e afeto, Santana desconstruía os estereótipos da passividade e do romantismo ligados ao feminino, se apropriando das características culturalmente associados ao universo masculino. Assim, como Kurt, o adolescente gay da série, traz novos territórios para a masculinidade ao dizer que prefere romance a sexo, o que o faz gostar de musicais nos quais o máximo de sensualidade é o leve roçar de dedos entre os amantes.

Mas o episódio "Sexy" traz também uma nova interpretação para o comportamento de Santana. Santana estaria confusa em lidar com seus sentimentos e com medo da repercussão negativa que seu envolvimento com Brittany teria. Após declarar-se para Brittany, menciona seu medo e chega mesmo a lembrar o preconceito sofrido por Kurt, o adolescente assumidamente gay da série que em episódios anteriores havia sofrido violência verbal e física. Mas mesmo expressando seu amor por Brittany,

Santana recusa rótulos ao confrontar uma de suas colegas de turma: “Só porque cantei uma música com a Brittany não significa que você pode me rotular”. E mesmo quando Holly lhe pergunta se é lésbica, ela responde: “Quem sabe? As mulheres me atraem, os homens também. Já transei com um manequim. Até já tive um sonho erótico com um arbusto em forma de gente”. Afinal de contas, como conclui Holly: “a questão nunca é quem nos atrai, e sim por quem nos apaixonamos” (GLEE, 2011).

Essa dificuldade das adolescentes pode também ser explicada pelo fato de que muitas vezes mesmo a versão crítica de educação sexual exclui outras expressões de afetividade e sexualidade que não sejam exclusivamente heterossexuais. Blaine, outro adolescente gay da série, ao tentar convencer o pai de Kurt a conversar sobre sexo com seu filho, lembra que mesmo as escolas que têm programas de educação sexual dificilmente falam de sexo para gays, deixando como único recurso para esses adolescentes a busca de informações na internet. Britzman (1996) analisa alguns dos pressupostos que fazem com que educadores/as não falem sobre outras formas de sexualidade que não sejam a heterossexualidade. Existe o medo de que a mera menção do assunto vá encorajar práticas homossexuais e de que a pessoa que o mencione seja acusada de ser gay ou lésbica ou de encorajar práticas fora da lei. Existe também a fantasia que as/os adolescentes são demasiado jovens para serem identificados como gays e lésbicas. Por fim, há o pressuposto de que as identidades sexuais são separadas e privadas.

O fato é que as formas pelas quais a escola faz a mediação entre os discursos do privado e os discursos do público atuam para deixar intacta a visão de que as (homo)sexualidades devem ficar ocultas. Além disso, a insistência de que a sexualidade deva estar confinada à esfera privada reduz a sexualidade às nossas específicas práticas sexuais individuais, impedindo que concebamos a sexualidade como sendo definida no espaço social mais amplo, através de categorias e fronteiras sociais. [...] A privatização da sexualidade é talvez um dos mitos mais insidiosos, na medida em que é usada para justificar o “armário” (closet), como se um espaço assim imaginado pudesse ser uma escolha inofensiva e interessante (BRITZMAN, 1996, p. 80-81).

Podemos acrescentar à análise da autora que a falácia do mito da privacidade da vida sexual se vê exposta também pelo fato de que a heterossexualidade, que também deveria pertencer à esfera privada seguindo tal argumento, é constantemente ensinada e reforçada nas aulas de Ciências que falam sobre o sexo do ponto de vista reprodutivo, nos modelos de família nuclear que aparecem nos livros didáticos, e mesmo nos livros de literatura que falam apenas do amor romântico heterossexual. Assim, a única

sexualidade que é realmente reduzida ao armário da vida privada são aquelas que não se encaixam no modelo heterossexual.

Mas como falar de diferenças sexuais em um ambiente tão heteronormativo e disciplinar como a escola? Este é um permanente desafio para educadoras e educadores. Como tornar tolerável o intolerável da educação sexual não tolerada? Para Freud (1987, p. 282) “educar, ao lado de governar e psicanalizar, é uma profissão impossível”. Se pensarmos que a tarefa de educar atua na direção da governalidade dos corpos e suas paixões, no controle de suas imprevisibilidades afetivas que emergem no encontro com as diferenças, a educação torna-se mesmo uma tarefa impossível. Além disso, tal educação exige uma cumplicidade por parte do/a aprendiz no desejo de aprender, o que nem sempre é possível, cumplicidade também exigida em outras tarefas como a governalidade ou a psicanálise.

Para entendermos a possibilidade de uma educação sexual não tolerada ou impossível é preciso recusarmos as dualidades excludentes do pensamento metafísico. Impossível não é sinônimo de algo irrealizável, o contrário do possível, impossível indica apenas a ideia de algo que não pode ser jamais definitivamente alcançado. Jogamos em um processo de busca infinito, um caminho de riscos, sem metanarrativas, sem redenção final. Longe de um horizonte de pessimismo, essa busca do impossível torna-se justamente um horizonte infinito de criação de novas possibilidades, um reinvenção de nossas territorialidades afetivo-sexuais, uma estética da existência comprometida com um novo uso dos prazeres.

Ao invés de simplesmente falar de amor e sexo, o currículo de educação sexual teria que ser ele próprio erotizado, na perspectiva comentada por Bel Hooks (2000). Essa educação impossível ou ainda não tolerada exigiria o questionamento da própria ideia da educação como espaço neutro, no qual o corpo e as paixões são negados, e também das fronteiras precisas sobre o que é público ou privado.

Quando eros está presente no contexto da sala de aula, então o amor está destinado a florescer. Persistentes distinções entre o público e o privado fazem-nos acreditar que o amor não tem lugar em sala de aula. Mesmo que muitos espectadores tenham podido aplaudir um filme como *Sociedade dos poetas mortos*, possivelmente se identificando com a paixão do professor e seus estudantes, raramente tal paixão é afirmada institucionalmente. Espera-se que professores e professoras publiquem, mas realmente não se espera ou não se exige que nós de fato nos importemos com ensinar de modo extraordinariamente apaixonado e diferente (HOOKS, 2000, p. 121-122).

Ainda para Hooks (2000, p. 123):

Para restaurar a paixão pela sala de aula ou para estimulá-la na sala de aula, onde ela nunca esteve, nós, professores e professoras, devemos descobrir novamente o lugar de eros dentro de nós próprios e juntos permitir que a mente e o corpo sintam o desejo.

Assim como a personagem Holly, educadoras e educadores que trabalham com a perspectiva crítica de educação sexual se tornam especialistas nos aspectos informativos e técnicos do sexo, mas talvez, em uma educação pós-crítica e ainda não tolerada, tenham também que começar uma longa aprendizagem sobre Eros, erotizando mais radicalmente o próprio espaço pedagógico.

Referências

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 85-111.

_____. Descentering discourses in teacher education: or, the unleashing of unpopular things. In: WEILER, Kathleen; MITCHELL, Candace (ed.). **What school can do: critical pedagogy and practises**. New York: State University of New York Press, 1992.

_____. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã**. São Paulo: Ática, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud). V. XXIII.

GIROUX, H. A. O filme Kids e a política de demonização da juventude. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 21, p. 123-136, jan./jun. 1996.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 115-123.

Filmografia:

GLEE - segunda temporada completa. Direção: Ryan Murphy. [s.l.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, 2011. 7 DVDs (Episódio Sexy, DVD n.5, 42 min.).